



A REINCIDÊNCIA PRECONIZADA A PARTIR DA CULPA INERENTE OU SOBRE COMO A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA PODE TRASNGREDIR À VIOLÊNCIA PSÍQUICA EM TEMPOS DE NECROPOLÍTICA

CORREA, Marco Aurélio¹
MOREIRA, William Mathias²

Grupo de Trabalho (GT): GT 5 – Pedagogia, Educação e seus Fundamentos (Filosóficos, Sociológicos, Antropológicos e Psicológicos)

RESUMO

Este trabalho se propõe a discutir psiquê das relações raciais brasileiras (SOUZA, 1983) e suas raízes coloniais (FANON, 2008) junto ao vocabulário da psicanálise (FREUD, 2010). Chocados com o caso de assassinatos de crianças e jovens em idade escolar na cidade do Rio de Janeiro, tentaremos compreender como os desígnios da necropolítica (MBEMBE, 2015) afetam o falido sistema neoliberal (SAFATLE, 2020) ao criminalizar nossos jovens negros e periféricos na perspectiva da reincidência preconizada e da culpabilização inerente (COELHO, 2022). Por fim, vamos pensar de que maneiras a educação pode transgredir (HOOKS, 2013) com esse histórico colonial e contribuir para sensibilizar (HOOKS, 2018) futuras gerações a não repetir os erros do passado.

Palavras-chave: Psicanálise. relações raciais. Necropolítica. Antirracismo. Educação transgressora.

INTRODUÇÃO

Emilly, Rebeca, Ágatha, Kauã, João Pedro, Kauê, Miguel Otávio, Lucas Matheus, Alexandre e Fernando Henrique formam uma lista de nomes que soam convencionais, porém, quando juntos anunciam uma nefasta relação. Todos eles pertencem a crianças, adolescentes e jovens que foram cruelmente ceifados pela ineficaz política de nosso estado perante as desigualdades sociais que abalam o Rio de Janeiro. Crianças brasileiras em idade escolar – negras e periféricas – vivem assombradas por políticas de morte (MBEMBE, 2015) que tanto podem as matar simbolicamente com a austeridade econômica e social minando sua cidadania ou quanto dando fim biologicamente a suas vidas como nas tragédias anunciadas acima.

O presente texto é uma reflexão de pesquisa conjunta de doutoramento de dois homens negros, professores da educação básica e participantes do grupo Ser em Vibração, coordenado pelo professor Gustavo Coelho pertencente ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Buscamos nessa pesquisa

¹ ProPEd-UERJ/SME-RJ. marcao_cp2@hotmail.com.

² ProPEd-UERJ/SME-RJ. william.mathias@hotmail.com.





analisar através das teorias da psicanálise associadas aos estudos das relações sociais o caso das políticas de morte no Rio de Janeiro. Elaborando assim formas de ação educativas e transgressoras que possam ir em contramão a necropolítica vigente.

OBJETIVOS

Este trabalho se propõe a discutir psiquê das relações raciais brasileiras (SOUZA, 1983) e suas raízes coloniais (FANON, 2008) junto ao vocabulário da psicanálise (FREUD, 2010). Chocados com o caso de assassinatos de crianças e jovens em idade escolar na cidade do Rio de Janeiro, tentaremos compreender como os desígnios da necropolítica (MBEMBE, 2015) afetam o falido sistema neoliberal (SAFATLE, 2020) ao criminalizar nossos jovens negros e periféricos na perspectiva da reincidência preconizada e da culpabilização inerente (COELHO, 2022). Por fim, vamos pensar de que maneiras a educação pode transgredir (HOOKS, 2013) com esse histórico colonial e contribuir para sensibilizar (HOOKS, 2018) futuras gerações a não repetir os erros do passado.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Frantz Fanon (2008) ao analisar as psicopatologias do colonialismo percebe que o patriarcado ocidental busca dominar o não-branco de maneiras similares as quais ele tenta controlar a natureza, pois nesta perspectiva o homem negro por exemplo seria a personificação quase humana da natureza. O fardo do homem branco seria domesticar esse ser animalizado para seu próprio bem e para dar continuidade no progresso universal da humanidade. Em nome da civilização, Fanon (1968) aponta que, o homem branco em relação ao negro, “a rigor, animaliza-o. E, de fato, a linguagem do colono, quando fala do colonizado, é uma linguagem zoológica” (p. 31).

Se o outro é uma ameaça ao todo seu sofrimento não merece culpa. É partindo desse aforisma que em todas as tardes em canais abertos são televisionados programas que destilando ódio em situações trágicas como crimes, assaltos e assassinatos. Degustando lágrimas alheias supostos jornalistas suam atrás de casos de violência cotidiana para televisionar derramamento de sangue gratuitos, muitas vezes partindo de uma moral ingênua que não busca solucionar os problemas das verdadeiras vítimas,





apenas lucrar em cima do tempo dedicado pelos espectadores. Sem se aprofundar nos reais problemas que originam tais tragédias sociais, nem se preocupar com a justiça às vítimas estes programas pinga sangue buscam apenas execrar os culpados sem de fato ir na raiz do sofrimento. Quase como um pelourinho sofisticado a grande maioria dos escrachados desse programa tem a pele negra e por isto carregam o estigma da bestilização pelos olhos brancos desde a escravidão. Como cachorros raivosos estes criminosos são incitados ao sacrifício pelos jornalistas policiais, deixando de lado até os bons costumes pregado pela moral judaico cristã que orienta muito dos espectadores.

Considerando a ascensão do neopentecostalismo Marton (2020) aponta que o caráter purificador da animalidade violenta acaba por sacralizar a ação policial. Como um sacerdote religioso os apresentadores sensacionalistas condenam os pecadores criminosos, criando uma hierarquia de instituições com a justiça divina e a violência sagrada acima da justiça do estado. Num país com um histórico de ódio aos menos favorecidos a culpa e o pecado é tem inherentemente as mesmas cores.

Até distante da lógica do sensacionalismo de programas como esses os telejornais com abordagens mais contidas também funcionam entre o prazer de culpabilizar as instituições falidas de um estado descompromissado, mas garantem sua audiência com o choro e o desespero de familiares frequentemente.

Reincidência preconizada, é quase sempre o mesmo rosto negro na tela na visão dos racistas sedentos de sangue. Todos os dias vemos rostos da mesma cor nos principais telejornais brasileiros portando um semblante de dor e sofrimento devido as injustiças do sistema que vivemos. Esta reincidência da tragédia está também estampada nos rostos dos criminosos, sejam em bandidos oportunistas, policiais funestos ou criminosos do narcotráfico.

Para que não continuemos a assistir a mesma trágica história todos os dias a sociedade brasileira precisa elaborar mudanças para que pessoas negras e periféricas não sejam os protagonistas de nossas catástrofes cotidianas. Para que não tenhamos mais Kathlens, Cauãs, Maria Eduardas, Cláudias, Hiagos, Robertos, Carlos, Cleitons, Wiltons, Wesleys e Moïses precisamos de mudanças estruturais em nosso país. Para atingir a raiz desse problema precisamos atuar diretamente na psique e lidarmos com os traumas fundadores de nossa sociedade, o colonialismo.





Se nem as instituições judiciais funcionam, precisamos pensar numa educação que socialize o bem comum, para impedir as reincidências e a necessidade de uma suposta ressocialização.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

Os procedimentos éticos foram respeitar a dor das famílias das crianças e jovens noticiados e não expor imagens ou demais detalhes de suas mortes. Agindo em uma perspectiva antirracista, consideramos ético manter os nomes, denunciados abertamente nos noticiários, como forma de ética política de combate a invisibilização desses corpos e mentes abatidos por políticas ineficazes.

Como metodologia partimos da análise dos casos e notícias da morte dessas crianças e jovens. Buscamos na teoria psicanalítica como também nos estudos das relações raciais formas de refletir sobre os acontecimentos e pensar em possíveis abordagens teóricas como pesquisa de doutoramento, como também de ação pedagógica em nossas respectivas salas de aula.

RESULTADOS

Uma educação engajada a lidar com as violências psíquicas do Brasil precisa estar contextualizada com a sua realidade. Por isso em nosso país com dimensões continentais a educação precisa lidar com toda sua diversidade, abrangendo questões pontuais a todo nosso território brasileiro como a causa indígena por exemplo, mas lidar também questões específicas como o caso das comunidades ribeirinhas na região norte. Cada escola precisa compreender as necessidades específicas de suas condições geográficas e ter autonomia para compor cotidianamente as questões curriculares mais interessantes para seu público. Desta maneira, no contexto da violência urbana no Rio de Janeiro as escolas cariocas devem trabalhar em seus cotidianos escolares questões relacionadas as operações policiais, ao genocídio de jovens negros e as desigualdades que as populações periféricas vivem no empobrecimento. Questões que precisam ser debatidas de maneira sensível e crítica em escolas situadas em áreas marginalizadas como em regiões privilegiadas, já que o problema da violência carioca não é só de responsabilidade das favelas e comunidades,





mas também do restante da cidade e que muitas vezes tem mais influência nesse conflito do que a grande mídia costuma noticiar.

Se aquilo que vemos com nossos olhos são o que fundamentam nossas concepções iniciais. Portanto, trabalhar um novo repertório de imagens onde pessoas negras não são apenas aquilo que o jornal da tarde mostra é uma forma antirracista de transgressão. Ao propor outras fruições perante a pessoas de pele negra podemos formar crianças mais sensíveis às nossas relações raciais e que se aprofundem nas questões sociopolíticas que subjetivam alguns estereótipos e preconceitos.

Há uma gama de escritores, educadores, músicos, cineastas e artistas produzindo conteúdos interessantes e criativos que servem de prato cheio para lidar com essas questões nos cotidianos escolares. O escritor carioca Otávio Junior venceu recentemente o prêmio Jabuti de livro infantil com *Na minha janela* (2019) e ilustrando a vida vista pelas janelas das comunidades periféricas do Rio nos dá a oportunidade de criar outras imagens coletivas para a periferia no simples ato de observar a janela. Freud aponta que “a ficção cria novas possibilidades de sensação inquietante, que não se acham na vida” (2010a, p. 27), então ter a oportunidade de fruir com aquilo que não conseguimos verbalizar ou compreender é uma forma de lidarmos com as violências que nos cercam. Sabemos da profundidade que o racismo está enraizado na sociedade brasileira e não será com pequenas propostas pedagógicas que iremos superar nosso trauma coletivo, mas é partindo de pequenas ações que podemos propor para crianças e jovens outras perspectivas em nossa sociedade.

Como resultado notamos que tais assuntos devem ser abordados em sala de aula, tomando a sensibilidade específica para a faixa etária. Cada um dos autores encontrou justificativas ainda maiores para dar prosseguimento com mais ênfase em suas pesquisas específicas que usam linguagens narrativas, como os quadrinhos e o cinema, de maneira pedagógica em sala para lidar com tais questões sutis, porém bem contundentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação das relações étnico raciais é um tipo de análise clínica que pode promover para muitos brasileiros regressar nas fundações de nosso país e compreender alguns dos problemas inatos de nosso país. Proporcionar as mudanças que nosso país





precisa não é responsabilidade apenas de professores, analistas ou estadistas precisamos reconhecer as políticas como algo coletivo e cotidiano, pois só assim conseguiremos partilhar e socializar o bem. Para que o sangue negro não seja matéria prima dos programas que saciam o pior que temos em cada brasileiro, precisamos nos dispor a tratar da ferida colonial de nossa história. É necessária que sejam ampliadas as discussões sobre as pulsões primordiais que alimentam o imaginário racista no Brasil e que a estrutura neoliberal que lucra ao cutucar essa chaga não aberta seja desmantelada. A escassez e a austeridade não devem ser uma regra para pessoas de tez melaninada, se a diversidade é um commodity para um Brasil plural a fartura dessa diferença deveria alimentar e suprir aqueles que herdaram a cor que caracteriza o Brasil. Enquanto não propormos alternativas a desigualdade que nos assola continuaremos vivendo esse estado de mal estar que afeta toda a sociedade brasileira. Precisamos aprender com a diferença e estamos dispostos a escutar o outro, pois só assim podemos transgredir por fim com os estigmas que marcam nossas subjetividades.

REFERÊNCIAS

- COELHO, Gustavo. **Os sem sentimento:** associação para o tráfico da culpa e a reincidência. 2022.
- FANON, Frantz. **Condenados da terra.** tradução: José Laurêncio Mello, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- FANON, F. **O preto e a psicopatologia.** In: Pele negra, máscaras brancas. Bahia: Editora Edufba, 2008.
- FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil.** Obras Completas. Companhia das Letras. Vol. 14 (1917-1920). São Paulo. 2010a.
- FREUD, Sigmund. **O Mal-estar da civilização.** Obras Completas. Companhia das Letras. Vol. 18 (1930-1936). São Paulo. 2010b.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo Martins Fontes, 2013.
- HOOKS, bell. Olhares negros: Raça e representação. Editora Elefante, 1º ed., 2019.
- MARTON, Pablo. **Como Datena e os programas pinga-sangue ensinaram os evangélicos fundamentalistas a odiar.** The Intercept Brasil. 28 agosto. 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/08/28/programas-pinga-sangue-evangelicos-fundamentalistas-crentes/> acesso em:9/04/22
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica:** biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. SP: n-1 edições, 2018.
- SOUZA, N. S. **Tornar-se Negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.



